

Paralisia cerebral, recursos tecnológicos, letramento e inclusão

Márcia Cristina Oliveira Santos*

Deise Nanci Castro Mesquita**

Resumo

Como realizar procedimentos de leitura, compreensão e produção textual com sentido e significado a partir de atividades no computador, de modo que possam contribuir no processo de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com paralisia cerebral? Esta foi a pergunta que norteou um dos projetos do Programa de Informática na Educação Especial (PIEE) executado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em Goiânia. Sob a luz da perspectiva sócio-histórico-cultural de Vygotsky (1995; 2005), este texto apresenta e discute a trajetória de um de seus participantes, um aluno com distorções fonêmicas na linguagem oral e na escrita e uma alfabetização meramente funcional que, chegando à instituição, foi convidado a interagir com alguns recursos tecnológicos. No início, a professora propôs atividades de completar palavras, mas depois passou a orientá-lo a construir cartões personalizados para pessoas de seu convívio, a pesquisar na internet e a produzir um livro digital. O que mais motivou essa criação foi o encantamento do aluno pela leitura do livro “Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz”, de Otávio Roth. A apresentação e discussão de “O menino que saiu do ensino especial e foi para a escola normal”, de sua autoria, tem por objetivo mostrar a sensibilidade e a clareza com que esse aluno organiza suas ideias, reconhece sua história de vida, suas dificuldades e conquistas, e demonstra a gratidão que sente pela família, em especial por sua mãe e todas as outras que cuidam de seus filhos especiais, reiterando, assim, a relevância de uma aprendizagem significativa que considera o letramento como uma forma de percepção e de ação do sujeito em relação a si mesmo, à família, à escola e à sociedade.

Palavras-chave: defectologia, desenvolvimento, letramento, inclusão.

* Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Goiânia. E-mail: marcia@gmail.com

** Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. E-mail: mesquitadeise@yahoo.com.br

Cerebral palsy, technological resources, literacy and inclusion

Abstract

How could meaningful computer activities, involving reading, interpretation and writing, be prepared to contribute to the process of learning and development in children with cerebral palsy? This question underlies one of the projects of the *Programa de Informática na Educação Especial* (PIE- Informatics in Special Education Program) undertaken in the *Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais* (APAE - Association of Parents and Friends of Disabled Children), in Goiânia. In the light of Vygotsky's socio-historical-cultural perspective (1995; 2005), this text presents and discusses the trajectory of a participant, a student with phonemic distortions in oral and written language and merely functional literacy, who was invited to interact with technological resources immediately after enrolling at APAE. In the beginning, the teacher asked him to do exercises involving the completion of words, but then went on to show him how to make personalized cards for people in his milieu, research on the internet and create a digital book. What motivated him most was his fascination for Otávio Roth's "*Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*" (Two dozen little insignificant things that make us happy). The presentation and discussion of his book, "*O menino que saiu do ensino especial e foi para a escola normal*" (The boy who left a special school and went to a normal school), set out to show the sensibility and competence with which he organized his thoughts, recognizes the story of his life, his difficulties and victories, and show how grateful he is to his family, especially his mother, and all others who take care of their disabled children; thus demonstrating the relevance of meaningful teaching which considers literacy as a person's means of perceiving and acting in relation to themselves, family, school and society.

Keywords: defectology, development, literacy and inclusion.

Introdução

Este texto relata a experiência de uma atividade planejada durante o Estágio Docência da disciplina Organização de Contextos de Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG), e vivenciada como um dos projetos do Programa de Informática na Educação Especial (PIEE), na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em Goiânia. O objetivo aqui é relacionar os conhecimentos teóricos estudados na disciplina com uma prática pedagógica, e assim construir uma reflexão crítica acerca da inclusão escolar de alunos com deficiência.

A APAE de Goiânia foi fundada em 1969 e anualmente atende cerca de 500 alunos com deficiência intelectual, associada ou não a outras patologias, nas áreas de assistência social, prevenção, saúde, educação, emprego e renda (preparação, qualificação e encaminhamento para o mundo do trabalho). Um dos projetos ali desenvolvidos faz parte do Programa de Informática na Educação Especial – PROINESP, que no ano 2000 era mantido por intermédio da Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC.

Desde sua institucionalização, o propósito é oportunizar a inclusão digital e social de pessoas com necessidades educacionais especiais, apresentando instrumentos tecnológicos como recursos para a aquisição, o desenvolvimento e o acesso ao letramento e ao conhecimento científico sistematizado. Nesse ambiente educacional, no contra turno da escola formal, vêm sendo atendidos inúmeros e diversificados alunos da rede municipal de ensino, mas o relato que se segue trata apenas de um desses jovens, aqui denominado A., de dezenove (19) anos e com diagnóstico de paralisia cerebral.

A Ideia Fundante

A alfabetização de A. era restrita ao nível funcional e apresentava distorções fonêmicas tanto na linguagem oral quanto na escrita, mas tão logo chegou à instituição, começou a interagir com o computador usando o mouse, o teclado e os softwares educacionais disponíveis na sala de informática. No início, a ele eram propostas apenas atividades de completar palavras (Software Coleção Educativa Expoente), mas devido a sua familiarização com os outros recursos computacionais, passou-se também a solicitar que construísse cartões personalizados para pessoas de seu convívio e que fizesse algumas pesquisas na internet.

Com isso, foi possível perceber o quanto ele havia ampliado o vocabulário, e daí veio a ideia de se propor outras atividades que possibilitassem a identificação e a caracterização dos diversos gêneros discursivos, a ampliação de suas competências leitoras e interpretativas, a revisão ortográfica de trechos escritos e, por fim, a própria produção textual de temas contextualizados e relacionados a sua realidade, com a mediação do computador. Mas como realizar procedimentos de leitura, compreensão e produção textual com sentido e significado, a partir de atividades no computador, de modo que pudessem contribuir para o processo de letramento desse aluno com paralisia cerebral?

A Compreensão Teoria

Para buscar formas de materializar essa ideia, foram (re)feitas leituras teóricas sobre o real sentido da inclusão escolar, o processo de alfabetização pela via do letramento informacional e os fundamentos da *defectologia*.

Assim, foi percebido que, de acordo com Mantoan (2000, p.56):

A inclusão não é simplesmente inserir uma pessoa na sua comunidade e nos ambientes destinados a sua educação, saúde, lazer, trabalho. Incluir implica em acolher a todos os membros de um dado grupo, independente de suas peculiaridades; é considerar que as pessoas são seres únicos diferentes uns dos outros, e, portanto, sem condições de serem categorizadas. Já é tempo de reconhecermos que todos estamos juntos e nascemos neste mundo, e que por isso não podemos excluir ninguém e nem mesmo convidar a que se aproximem os que estão à margem, pelos mais diferentes motivos entre os quais as incapacidades físicas, intelectuais sensoriais, sociais.

Também, segundo Soares (2002, p.151), ficou explicitado que o letramento digital

é um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição do letramento dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel.

Ainda, em relação aos recursos pedagógicos informacionais, foi tomado em conta o alerta de Xavier (2007, p.148) de que:

os profissionais de educação e linguagem precisam desenvolver estratégias pedagógicas eficazes em seus mais variados espaços educacionais (salas de aula e laboratório de informática, por exemplo) para enfrentar os desafios que estão colocados: alfabetizar em uma perspectiva do letramento e letrar digitalmente o maior número de sujeitos, preparando-os para atuar adequadamente no Século do Conhecimento.

E, para se pensar formas de potencializar o desenvolvimento cognitivo do aluno com necessidades especiais, foi trazida à luz as formulações de Vygotsky (1997, p.47) quanto às possibilidades compensatórias da *defectologia*:

La educación de niños con diferentes defectos debe basarse en que, simultáneamente con el defecto también está dadas las tendencias psicológicas de orientación opuesta, están dadas las posibilidades compensatorias para superar el defecto y que precisamente son éstas las que salen al primer plano

en el desarrollo del niño y deben ser incluidas en el proceso educativo como su fuerza motriz. Construir todo el proceso educativo siguiendo las tendencias naturales a la super-compensación, significa no atenuar las dificultades que derivan del defecto, sino tensar todas las fuerzas para compensarlo, plantear sólo tales tareas y hacerlo en tal orden, que respondan a la gradualidad del proceso de formación de toda la personalidad bajo un nuevo ángulo.

Diante da compreensão teórica de que a proposta educacional inclusiva deve objetivar o desenvolvimento cognitivo do aluno, e não meramente sua socialização escolar; de que o letramento digital é outra forma de linguagem que medeia a integração do deficiente com o contexto sócio-histórico-cultural em que está imerso; de que cabe ao professor buscar formas didático-pedagógicas que potencializem as capacidades singulares de cada aprendiz; e de que é somente conhecendo os caminhos compensatórios da deficiência e investindo neles como uma força motriz que o professor poderá colaborar com essa aprendizagem, foi planejada a atividade prática descrita a seguir.

A Elaboração Empírica

A princípio, o grande intuito de se desenvolver essa atividade prática de leitura e escrita por meio de recursos computacionais foi apresentar ao aluno conteúdos pedagógicos de maneira significativa e, assim, propiciar a conquista de novas etapas no seu processo de alfabetização e de letramento digital. Para alcançar esses objetivos, foram propostas as seguintes ações: 1) Realização de leituras de livros literários (diversos gêneros) escolhidos pelo aluno, no ambiente do PROINESP e em casa; 2) Durante e após as leituras, manutenção de um diálogo a respeito dos livros, com indagações do tipo: qual a característica do texto?; qual o assunto abordado?; a leitura foi interessante?, qual aspecto mais chamou a atenção?; 3) A partir das respostas e dos comentários, seleção de outras obras que pudessem despertar o seu interesse também pela exploração do conteúdo e da estrutura linguística e estilística da narrativa; e 4) Reescrita de trechos do livro escolhido, com o intuito de iniciar uma autoria textual.

Quando iniciou sua participação no PROINESP, o aluno lançava mão de um teclado especial, mas com o desenvolvimento dessas pesquisas e as produções digitadas derivadas delas, passou a usar o teclado padrão, sem ajuda! Também, tanto na escrita como oralmente, passou a se expressar com autonomia e clareza. E, ainda, para a grata surpresa da escola e da família, se propôs a produzir um livro, narrando sua própria história.

Seu desejo foi revelado após a escolha da leitura do livro: *Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*, de Otávio Roth. Na medida em que ia lendo,

era perceptível o seu encantamento pela narrativa e, por isso, ao final, lhe foi feito o convite para que também se tornasse o autor e o ilustrador de um livro. Sua resposta foi imediata: “Quero sim, e vai se chamar *O menino que saiu do ensino especial e foi para a escola normal*”.

O planejamento se apoiou na hipótese de que as dificuldades de leitura e de produção escrita do aluno poderiam ser minimizadas se ele fosse imerso em um contexto de mais leitura e produção textual, pois o reconhecimento da forma como os gêneros discursivos são organizados, estruturados linguística e estilisticamente, lhe serviria de modelo, de estratégia para a (re)construção de sua própria narrativa.

Em cada página de seu livro, é possível perceber a clareza, a sequência de ideias e o envolvimento do aluno com o tema explorado. Embora ela tenha recebido a mediação do professor durante o uso do computador e a revisão ortográfica, A. e todos que leem o texto e analisam as ilustrações têm claro que se trata de SUA história, de SUA vida, de SUAS conquistas! E também se sensibilizam pela sua demonstração de gratidão pela família, em especial por sua mãe e por todas que têm e cuidam de seus filhos especiais.

Considerações Finais

Esta proposta didática proporcionou recursos, conhecimentos e vivências para que o aluno construísse efetivamente seu processo de letramento, interagindo por meio da escrita digital. Para isso, foi privilegiada uma mediação computacional que valorizou o conhecimento da técnica com sentido, com significado, com função pedagógica e sócio-inclusiva. Foi percebida a relação entre o que o aluno aprendeu e a sua vida, haja vista que sua produção literária expressou a sua ótica, a sua percepção em relação a si mesmo, à família, à escola e à sociedade.

Ao analisar a referida prática pedagógica e tendo como eixo temático o Projeto de Pesquisa de Mestrado: “Formação de Professores do AEE na APAE: contribuições do saber filosófico para a formação ética”, é possível perceber como a formação ética do docente é um tema extremamente atual e relevante para as discussões do ensino de qualquer disciplina, em qualquer situação escolar. A prática pedagógica dos professores postula atitudes, decisões e ações que estão fundamentadas em um compromisso ético. A ética é um conteúdo da filosofia, é um saber voltado para o “dever-ser”. Para Santos (2001, p. 152):

cabe-nos perguntar se os professores estariam habilitados à educação para a cidadania, para a formação do homem justo, belo e bom. Pensemos. Seria possível cobrar dos “profissionais da educação” que eles sejam, de fato, agentes

da ética e da cidadania ao imaginarmos um professor que não compartilhe do ideal da tolerância, que não compreenda as especificidades étnicas de cada povo, que não respeite as necessidades especiais de alguns alunos, que ele próprio não respeite valores, esteja despreocupado com direitos e menos ainda com a cidadania e se encontre em sala de aula, “ensinando” o respeito mútuo, a tolerância, a ética e como ser cidadão?

Como transformar esse espaço escolar em ambiente de cidadania e de ética? Esta é uma questão que não se responde apenas com a execução de um projeto ou de uma atividade. Os desafios são muitos, mas certamente esta proposta de intervenção corroborou a realização de uma prática pedagógica que considerasse: o aluno - seus anseios, necessidades e potencialidades; os conteúdos escolares - suas relações com o cotidiano, a vida real, o que esse aluno já sabia e o que ele precisava aprender; o processo de aprendizagem - seus planejamentos, intervenções, estratégias, recursos e avaliações que se adiantassem ao desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência.

Referências

MANTOAN, M. T. E. O verde não é o azul listrado de amarelo: considerações sobre o uso de tecnologia na educação/reabilitação de pessoas com deficiência. *Espaço: informativo técnico científico do Inês*, Rio de Janeiro, n. 13, jan./jun. 2000.

SANTOS, G. A. (Org.). Ética, Formação, Cidadania. A Educação e as nossas Ilusões. In *Universidade Formação Cidadania*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 152.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*. Campinas: CEDES, v. 23, n. 81, p.143-160, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *Fundamentos de defectología*. Trad. Júlio Gillermo Blank Madrid: Gráficas Rógar. 1997.

XAVIER, A. C. S. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Org.). *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. 1.ed.. –Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.148.

Recebido em: 15 maio 2015

Aceito em: 24 maio 2015